

ESCRITOS INSANOS



Leandro Diedrichs

1ª Edição - 2021

Essas são obras literária fictícia, qualquer semelhança com nomes, locais e acontecimentos é mera coincidência.

Esse livro é a junção de duas histórias: ESCRITOR PROFETA e CAÇA AO TESOURO.

ESCRITOR PROFETA

Autor: Leandro Diedrichs

- 01 - VERMELHO RUBI
- 02 - NAVE ALIENÍGENA
- 03 - MEGA-SENA
- 04 - AVENIDA ATLÂNTICA
- 05 - NOSTALGIA
- 06 - O PORÃO
- 07 - EPÍLOGO



01 - VERMELHO RUBI

Eduardo Lancastre estava na dúvida do que pedir para beber, uma coisa era certa, se não pedisse algo para consumir teria que se levantar daquela mesa redonda de madeira do Pub e ceder a mesa à alguém que fosse consumir. Era a terceira vez que o garçom lhe perguntava o que queria e ele falava que estava pensando, pedindo mais um tempo para escolher. Fingia consultar o cardápio mas não se concentrava nos itens do menu, só sabia dizer que quem criara aquele cardápio era um bom designer e tinha um gosto bem apurado; com letras douradas sobre o papel preto brilhoso, e a logo-marca do Pub em destaque, deixava um trabalho muito requintado e de uma qualidade impecável.

Alguns garçons, que estavam em pé de mãos cruzadas à frente do corpo, aguardavam ao lado do caixa envidraçado os clientes chamarem para fazer seus pedidos e já olhavam para Eduardo com impaciência. Tinha que escolher algo pois não queria sair dali, parecia que sua inspiração estava retornando ao seu âmago de onde nunca deveria ter saído. Mesmo só ameaçando digitar algo no notebook, ele sentia as

palavras fluírem pela mente querendo sair pelos dedos como jatos de tintas pronto para imprimir seu novo Best-seller. O problema é que ele estava no dilema do que escolher, não queria uma bebida alcoólica, foi por causa da bebida que passou seus últimos sete meses internado num hospital entre a vida e a morte. Não queria café, apesar de gostar muito, pois sua gastrite o atormentava quando bebia, o refrigerante também afetava sua gastrite. Pensou num chá, mas não achava graça nenhuma naquela bebida tão consumida na Europa.

- O senhor já decidiu o que vai querer? – perguntou o calvo e já carrancudo garçom pela quarta vez à Eduardo.

- Chá mesmo, chá gelado com um pingo de limão, e pode trazer um pedaço de bolo de milho também, por favor.

O garçom anota o pedido e se retira do local.

Mesmo antes do garçom retornar com o pedido Eduardo coça a cabeça bagunçando seus ralos e castanhos cabelos lisos, entrelaça seus longos e ossudos dedos que parecem não combinar com sua estatura baixa, vira as palmas das mãos para fora forçando os dedos, esses se estalam, ele os movimenta como um pianista aquecendo a mão pronto para tocar a quinta sinfonia de Beethoven e começa um frenesi de digitação no teclado de seu notebook apoiado sobre a mesa. As palavras fluem por entre seus dedos inquietos escrevendo numa velocidade e precisão impressionante. O enredo do livro simplesmente ganha vida na tela do computador como ele nunca tinha feito durante toda sua carreira literária, então começa escrever.

“Os clientes do restaurante ficaram admirados com a impactante entrada daquela bela e misteriosa mulher morena, bastou apenas o doce e inebriante aroma de seu perfume chegar à sua frente invadindo o recinto sem cerimônia para que as atenções, não só dos homens, mas também das mulheres e funcionários, se voltassem para àquela mulher linda e sedutora. Charles bebia seu café fumegante, após ter almoçado, folheando o jornal distraidamente sem muito interesse sentado à mesa de granito escuro no canto da parede azul. Sua distração se dissipou com a presença marcante dela; a contemplou começando pelos elegantes sapatos preto de salto alto, levantou vagarosamente seu olhar pelo elegante vestido vermelho rubi longo com fenda que deixava sua sensual coxa esquerda aparecer quando ela subia o degrau da entrada do restaurante. Ela, percebendo os olhares lascivos dos homens do estabelecimento, deteve sua perna sobre o degrau mantendo sua coxa esquerda à mostra por poucos segundos, o suficiente para que Charles fixasse sua visão nas pernas grossas e bem torneadas daquela mulher provocante”.

Eduardo interrompeu sua escrita quando o garçom chegou com seu pedido. O funcionário do Pub colocou seu chá e bolo sobre à mesa e se retirou. Ele começou a digitar seu livro sem mesmo tocar na refeição, estava muito ansioso com a escrita da sua nova obra literária.

“Ela retomou seu lento e gracioso caminhar, parecia flutuar sobre aquele piso claro e desgastado do restaurante. Charles continuou o percurso da contemplação parando o olhar no pequeno, mas provocativo decote, deixando parte dos seios voluptuosos à mostra, e entre os seios tinha uma pequena tatuagem de um rosa desabrochada. Os batimentos cardíacos de Charles aumentaram exponencialmente, ele não sabia se era admiração ou se já estava ficando apaixonado por reparar cada detalhe do rosto formoso e harmonioso dela. Sobre seu queixo com uma pequena covinha, figurava lábios grossos e delineados com um batom vermelho, do mesmo tom do vestido, sensualizando ainda mais sua boca, o nariz fino e arrebitado contrastavam perfeitamente com seus olhos verdes e sobrancelhas cheias e esticadas dando-lhe uma aparência de uma felina. Seus negros e encaracolados cabelos reluziam às fracas luzes dos lustres do restaurante. Ao passar pela mesa de Charles Fischer, ela lhe lançou um olhar erótico e deu um leve sorriso malicioso com o canto da boca, Charles estremeceu ficando meio sem jeito. A formosa mulher continuou com seu andar gracioso até o balcão. Suas costas desnudas pelo grande decote traseiro do vestido, mostrando sua pele lisa e jovial e as curvas do seu corpo perfeito, fez Charles sentir um arrepio ardente de desejo percorrer todo seu corpo. Ela sentou-se numa banquetta debruçando-se sobre o balcão de madeira e pediu um drink ao bar-man que não retirava o olhar dos seios dela. Outros homens, que também estavam sentados ao longo do balcão, a olhavam com desmesura libido. Ao que parecia, o bar-man lhe preparava um Martini. A presença dela era tão marcante que um garçom baixinho, que a olhava desejosamente, acabou esbarrando com sua bandeja num homem asiático, rechonchudo e cabelos grisalhos que saía do banheiro ajeitando suas calças, e o garçom acabou derramando o refrigerante na blusa do pobre homem que não se importou muito após saber o motivo do acidente; o homem asiático, com a blusa manchada e molhada de refrigerante, e que limpava seu óculos com um lenço xadrez, também ficou em transe admirando a estonteante beleza da mulher misteriosa. Depois do drink devidamente batido e adicionado a azeitona, a bela mulher se levantou com a taça na mão e caminhou em direção à mesa de Charles, cada passo que ela dava em direção à mesa aumentava o ritmo cardíaco dele, ele pensou que

poderia ter um enfarto quando ela se aproximou dele e disse com uma voz suave e sensual: - Esse lugar está ocupado? – apontou elegantemente para a cadeira ao lado de Charles. Ele engoliu em seco, não sabia o que responder ou estaria com medo de abrir a boca e falar alguma tolice desperdiçando assim a oportunidade de ter àquela mulher maravilhosa em sua companhia. Antes dele falar algo ainda pode ver de soslaio, na mesa ao lado, uma garota dar um beliscão no namorado que não retirava os olhos da atraente mulher, por fim, tomou coragem e falou, ainda meio confuso: - Agora está ocupado pela mulher mais bela que meus humildes olhos já puderam vislumbrar nessa vida, sente-se, por favor. – A mulher lhe lançou um olhar provocante e sentou se apresentando. – Prazer, meu nome é Christine – estendeu a mão para Charles, ele pegou suavemente a mão dela e beijou. – Prazer, eu sou Charles, o homem mais sortudo do mundo. – Christine exibiu um sorriso sensual e sincero. – Acho que a sortuda sou eu em encontrar um homem tão galante assim!”

Eduardo Lancastre pausou sua escrita e clicou em salvar documento, o estranho é que o dispositivo do notebook perguntou na tela: “TEM CERTEZA DISSO?” mostrando as opções “SIM-NÃO”, por alguns segundos Eduardo ficou em dúvida, tinha uma grande experiência em salvar documentos daquele tipo em dispositivos eletrônicos pelos vários anos de escrita, apesar de ser um jovem de vinte nove anos, já era um escritor veterano. Finalmente decidiu; após certa hesitação, apertou “SIM”.

Ele sentiu um calor extremo, poderia até dizer vulcânico passar através dele, não em volta dele, mas por dentro dele como se estivessem aberto seu peito e derramado lavas de um vulcão nele, ficou assustado com aquela sensação, sua preocupação aumentou mais ainda quando sentiu um grande cansaço o abater fazendo-o se recostar no encosto da cadeira deixando a cabeça pender para trás. Naquela posição, viu meio desfocado, e de cabeça para baixo, alguém muito alto e magro passando pela calçada do Pub parecendo flutuar usando uma longa capa preta desbotada e toda furada que soltava uma fumaça acinzentada acompanhada de um cheiro fétido de carne podre queimada e fuligem caindo lentamente atrás de si, o mais estranho era que, além da capa parecer estar pegando fogo, a pessoa debaixo daquela capa ainda usava o capuz, uma coisa anormal para aquele dia quente de verão. Eduardo tentou se virar o mais rápido possível para fora do estabelecimento tentando ver quem era o maluco que tinha passado com aquela capa preta e capuz em pleno verão do Rio de Janeiro, não conseguiu ver quem era, pois tinha demorado um pouco a se virar devido seu extremo

cansaço.

- Você viu um maluco passar ali na calçada com uma capa preta velha e capuz na cabeça? – Eduardo perguntou ao garçom calvo que passou ao seu lado naquele momento.

- Uma pessoa de capa preta e usando capuz nesse calor todo? Não vi não, amigo, e se alguém fez isso só pode ser maluco mesmo!

- E você não sentiu esse cheiro de podre e queimado? Parecia que o cara tava com a capa pegando fogo, ela soltava uma fumaça muito esquisita e muito fedida! – ele continuava perguntando, confuso.

- Não senhor, eu não vi ninguém assim, e muito menos senti algum cheiro forte de nada podre ou queimado! – o garçom foi obrigado a se desvencilhar da mão de Eduardo que o segurava pelo braço.

Após alguns minutos de reflexão, Eduardo imaginou que aquela sensação horrível poderia ser pela empolgação da sua mente fervilhando de ideias para o livro, ou talvez por causa de ter saído há poucos dias do longo tempo internado no hospital, ignorou aquilo e começou a lanchar.

Parou de mastigar quando sentiu o doce aroma de um perfume inebriante invadir suas narinas. Virou lentamente sua cabeça à procura daquele aroma agradável. Encaminhou seu olhar até os degraus da entrada do Pub e quase engasgou com o bolo na boca, parcialmente comido. Um elegante sapato feminino de salto alto preto reluzia as luzes do estabelecimento, uma estonteante mulher adentrava o recinto com seu longo vestido vermelho rubi de fenda no lado esquerdo revelando a coxa grossa e bem torneada da mulher morena. As pessoas do local pararam seus afazeres para observarem a linda mulher entrar no lugar, ela tinha um andar gracioso, parecendo levitar.

Eduardo ficou boquiaberto ao reparar na pequena tatuagem de rosa entre os seios da mulher onde o pequeno decote evidenciava a voluptuosidade deles. Ele parecia não acreditar no que seus olhos presenciavam, a bela mulher que entrava no Pub era exatamente igual ao descrito no livro que ele estava escrevendo e acabara de digitar no seu aparelho. Ela tinha uma pequena covinha no queixo, lábios grossos com batom na cor do vestido, nariz fino e arrebitado, olhos verdes e sobrelhas esticadas dando-lhe a aparência de uma felina, o cabelo preto e encaracolado brilhavam sob a luz do Pub.

“Agora só faltava a mulher lhe lançar um olhar erótico seguido de um leve sorriso malicioso com o canto da boca.” Eduardo pensou, incrédulo, achando graça daquela grande coincidência. Sua incredulidade se dissipou completamente, ela fez exatamente aquilo e manteve seu andar gracioso até o balcão de mármore preto do Pub. A pele de suas costas era tão lisa e jovial, exatamente como ele narrou em seu livro, e

seu corpo era tão formoso que agora sabia, literalmente, como era o desejo que o personagem do seu livro, Charles Fischer, sentia. A sedutora mulher pediu um drink. Ela aguardava a bebida ser preparada pelo barman que não tirava os olhos dos seus seios sexy, alguns homens, que estavam sentados ao balcão, tentavam tirar fotos disfarçadamente da linda mulher.

Eduardo abriu imediatamente o notebook, procurando no documento onde salvou sua obra, o local onde tinha escrito a parte da bela mulher misteriosa pedindo o drink, não porque tinha esquecido, mas para ter certeza de cada detalhe do enredo de seu livro. Enquanto lia o parágrafo do garçom baixinho derrubando o refrigerante no homem asiático que saía do banheiro, ele parou a leitura ao ouvir o barulho de um copo se espatifando no chão, lá estava, um homem gordo e asiático, com os cabelos grisalhos, apesar da aparência jovem, que saiu do banheiro ajeitando suas calças. Estava com a blusa toda manchada e molhada com o refrigerante, ele limpava seu óculos com um lenço xadrez sem se importar muito com o acidente, já que olhava maravilhado a formosa mulher debruçada sobre o balcão do Pub.

O coração de Eduardo palpitou descompassadamente. Era agora que, segundo o que tinha escrito, a mulher pegaria seu drink e iria até à mesa dele. Ele ainda estava cético com tudo aquilo, até olhou ao redor procurando câmeras escondidas, isso só poderia ser uma pegadinha, alguém tinha rackeado seu computador e tinha pregado uma peça nele. Pensou no Guilherme, amigo de infância que adorava fazer aquele tipo de brincadeira, inclusive, fez uma pegadinha, antes dele sair do hospital, mandando um homem vestido de médico, na hora da visita, informando que ele teria que ficar mais alguns meses em observação, Eduardo achou estranho e debateu com o falso médico, pois o outro médico havia lhe dito que estaria de alta em poucos dias. Quando a discussão estava acalorada entre Eduardo e o médico impostor, Guilherme entrou no quarto rindo muito da cara de desespero do amigo.

Eduardo também supôs que poderia ser uma pegadinha de alguma emissora de TV, já que aquela brincadeira estava muito elaborada. Com certeza a casa que estava fazendo a venda de garagem onde comprou o notebook velho por um preço irrisório, barato até demais, fosse um cenário onde estariam vendendo um aparelho já programado para lerem instantaneamente em outro aparelho similar e fariam acontecer exatamente o que a pessoa que comprou o computador estivesse escrevendo, ele até achou legal, uma pegadinha muito bem feita, o detalhe era que, como iriam conseguir em poucos minutos achar atores e figurinos iguais como ele descrevera, como conseguiriam preparar o

cenário naquele Pub com garçons e atores sendo que Eduardo havia escolhido aquele lugar aleatoriamente? A mulher, o gordo asiático, o garçom baixinho, eram exatamente iguais aos personagens do seu livro, não era possível arrumar pessoas tão rápido assim com as mesmas características deles, definitivamente tinha algo de errado em tudo aquilo.

Tentou manter a calma enquanto a sedutora mulher caminhava com a taça de martini nas mãos até sua mesa. Ele suava frio, enxugava suas mãos na calça jeans. Ela chegou até ele e, antes mesmo dela perguntar, Eduardo falou: - Não, esse lugar não está ocupado, pode se sentar a vontade. - Ela se mostrou surpresa, mesmo assim sentou-se mostrando um sorriso cativante. Ao lado deles, na outra mesa, uma garota beliscou seu namorado que não retirava os olhos da bela mulher.

- Prazer meu nome é...

- Eu sei, Christine - Eduardo a interrompeu enquanto ela esticava a mão para ele. Eduardo seguiu o procedimento como escrevera no livro, beijou a mão dela de forma cavalheiresca.

- Quase isso, meu nome é Cristina. Mas como você adivinhou? - ela perguntou surpresa, agora não exibia mais um olhar sedutor, agora era um olhar interrogativo.

- Eu acho que é apenas intuição! - Eduardo explicou admirando a beleza de Cristina. Mesmo sem seu olhar sedutor continuava linda.

- Você não disse seu nome, senhor intuitivo! - ela exclamou voltando a sorrir.

- Me perdoe, é Eduardo, meu nome é Eduardo. Posso te fazer uma pergunta, Cristina?

- Claro, Eduardo.

- O que uma mulher tão linda e maravilhosa como você faz aqui sentada com um cara tão comum como eu? - Eduardo não era um homem feio; moreno de cabelos castanhos claros e olhos cor de mel, lábios finos e rosto alongado, não tinha sido um dos garotos mais populares da escola, mas tinha arrumado bastante namoradas talvez por causa de sua facilidade de usar as palavras certas na hora certa, sempre teve afinidade em construir frases de efeito, não era à toa que se tornou um escritor.

- Gostei, direto ao ponto. Sinceramente não sei, simplesmente deu vontade de entrar nesse Pub e beber algo, e quando me deparei com você ao entrar aqui senti algo diferente em você, senti como se já o conhecesse - Cristina franziu o cenho -, se de alguma forma eu estiver te incomodando eu posso se retirar da mesa! - ela exclamou, meio tristonha.

- NÃO... de forma nenhuma que você está me incomodando, é que, vamos ser sinceros, você é muita areia pro meu caminhãozinho!

- Você está se menosprezando, Eduardo, com certeza você é um homem bonito e educado, é o que me parece, e com certeza deve ser inteligente - ela falou olhando para o notebook de Eduardo como se ele estivesse fazendo algo muito importante no aparelho -, e é isso que me cativa num homem, inteligência, é isso que torna um homem interessante! - ela falou convicta olhando fixamente no fundo dos olhos dele.

Eduardo ficou lisonjeado com o comentário e envergonhado ao mesmo tempo.

- Eu sinceramente gostei muito de você, Eduardo, mas vejo que não sente a mesma atração por mim. Acho melhor eu ir embora - ela foi categórica.

Eduardo Lancastre via a oportunidade de ter àquela bela mulher em sua companhia escorregar por entre seus dedos, ficou desesperado. - Não; por favor, não vá - ele tocou suavemente na delicada mão de Cristina, ela olhou para a mão ossuda dele, depois olhou para o rosto dele. Eduardo recolheu a mão acanhado. Cristina achou graça. - Não vá, fique por favor. Desculpe se te magoei, é que não estou acostumado com a companhia de uma mulher tão linda como você.

Cristina pareceu relaxar um pouco, mesmo assim prosseguiu falando: - Agora melhorou um pouco, mesmo assim você não me convenceu a continuar sentada aqui na mesa - ela deu mais um gole no seu drink.

Ele gelou, estava confiante que iria ter Cristina em seus braços. Se algo sobrenatural estava ocorrendo naquele lugar, se as coisas estavam acontecendo igual ao escrito no seu livro, por que agora as coisas estavam desandando? pensou, desolado, entretanto, após uma breve reflexão usando o raciocínio lógico, concluiu seu pensamento. É claro que as coisas estavam saindo errado, ele tinha parado de escrever a história naquele ponto onde eles conversavam na mesa, precisava continuar a escrever sua narrativa, isso se a história realmente estivesse tomando vida! Mas como dar atenção a Cristina e continuar escrevendo o livro? Teve uma ideia e botou-a em prática imediatamente.

- E se eu lhe pagar um drink, você me daria a honra de continuar aqui comigo?

- Se você me pagar um drink eu prometo que vou pensar no seu caso! - ela deu uma leve piscada para ele.

Eduardo chamou o garçom calvo com um sinal de mão, esse caminhou rapidamente até sua mesa, não por causa de Eduardo, mas para poder admirar Cristina mais de perto.

- Pois não, senhor, o que deseja? - O garçom foi o mais polido possível.

- Por favor, traga mais uma martini pra ela, isso se ela quiser, é claro!

- Cristina assentiu.

O garçom fez um gesto afirmativo com a cabeça desprovida de cabelos.

- E o senhor, vai querer outro chá?

- Pode ser.

- De jeito nenhum - Cristina protestou -, que tipo de homem deixa uma mulher beber sozinha! O que você gosta de beber, Eduardo?

Ele ficou um pouco relutante, mas não poderia desagradá-la, perdendo assim a oportunidade de ficar com ela.

- Me traga um copo de vinho tinto seco, então!

- Uma ótima escolha, senhor - o garçom comentou. Antes dele se virar e buscar o pedido, ainda deu uma breve olhada de viés para os seios avantajados de Cristina. Ela pareceu não se incomodar, já deveria estar acostumada com os olhares lascivos dos homens.

- Será que você pode me dar uma licença, Cristina?! Preciso ir ao banheiro - Eduardo falou pegando o notebook.

- Claro, Eduardo, mas você costuma levar seu notebook quando vai ao banheiro? Ou está com medo de que eu o roube? Pra sua informação eu não gosto de notebook velho! - ela deu um gracejo irônico.

- Posso te contar um segredo, Cristina? - Eduardo disse se aproximando do rosto dela.

- Sem dúvida, eu adoro segredos, e pode deixar que não vou contar à ninguém - ela declarou com um brilho curioso no olhar.

- É que não sou apenas um freguês comum, eu sou da vigilância sanitária e estou fazendo uma inspeção surpresa no lugar; como esqueci meu celular em casa, preciso do notebook pra tirar fotos do banheiro e conferir a higiene do local. - Eduardo não saberia dizer se Cristina tinha acreditado naquela balela, mas parecia ter dado certo.

- Pode deixar que seu segredo está guardado a sete chaves comigo.

Ele se retirou da mesa indo para o banheiro.

Certificou-se que estava sozinho no banheiro olhando as únicas duas cabines sanitárias desocupadas. Desligou seu celular, pois não queria passar por mentiroso com Cristina, já que alguém poderia ligar para ele no momento em que estivesse na presença dela. Entrou em uma das cabines, fechou a porta, baixou a tampa do vaso, sentou-se nela, abriu o notebook e, depois de alguns segundos pensando, resolveu continuar a história do livro. Ele precisava escrever algo diferente, uma cena inusitada pra se certificar que tinha alguma coisa de diferente, que, por

mais estranho que fosse, um poder sobrenatural estava tornando realidade sua história fictícia, não sabia como, mas sabia que algo extraordinário e surreal estava acontecendo. Começou a escrever.

" Charles Fischer ouviu a porta do banheiro se abrir, escutou o arrastar de passos irregulares e pesados. Um celular com um toque diferente se fez ouvir, era o tema de Darth Vader da saga Star Wars. Ao sair da cabine sanitária se deparou com uma figura peculiar, poderia dizer até excêntrico, um homem com os cabelos compridos, loiros e lisos até a altura da cintura, atendia o celular e tentava mijar no mictório ao mesmo tempo, ele puxava o curto short azul de estrelas do lado para deixar seu pênis de fora e urinar, o que não foi fácil já que a fantasia de Mulher Maravilha que ele usava parecia ser vários números menor que a medida avantajada dele, a blusinha vermelha não tinha pano suficiente pra esconder sua barriga peluda e protuberante. O homem acabou mijando no laço pendurado ao lado do short, ele praguejou batendo os braceletes na parede de azulejos brancos. O "Mulher Maravilha" avisava ao seu companheiro pelo telefone que já estava acabando e estava saindo do banheiro. Ao terminar de fazer xixi se virou e percebeu que Charles o observava espantado pelo espelho. Andou cambaleando meio bêbado até a pia quase derrubando da cabeça a tiara dourada da Mulher Maravilha, abriu a torneira para lavar as mãos e olhou para Charles pelo espelho. Percebendo a curiosidade dele, disse: - Estou indo com meu namorado pra uma festa à fantasia. - Charles anuiu com a cabeça meio sem jeito pegando um papel toalha e enxugando as mãos. O "Mulher Maravilha" saiu do banheiro enxugando as mãos na própria fantasia, tentando inutilmente esconder suas nádegas que insistia em fugir do shortinho e seus longos cabelos a balançar atrás de si conforme caminhava."

Eduardo clicou em salvar aparecendo novamente a mesma mensagem de antes "TEM CERTEZA DISSO?" "SIM-NÃO". Ele clicou no SIM e sentiu na mesma hora o calor abrasador passar através dele, e um cansaço repentino assolar seu corpo. Não teve tempo nem de refletir sobre aquela sensação sombria quando ouviu a porta do banheiro se abrir, e da cabine sanitária onde ele estava sentado, escutou com extrema clareza o toque do tema de Darth Vader ecoar em alto e bom som dentro do banheiro. Parecia também ouvir as fortes batidas do seu coração agitado. Abriu a porta da cabine, apenas uma fresta, o suficiente para ver um homem cabeludo usando o mictório com uma fantasia de Mulher Maravilha apertada deixando sua barriga peluda e avantajada à mostra. O homem conversava com seu namorado pelo telefone exatamente como

ele escrevera, até molhou com urina o laço pendurado no shortinho azul de estrelinhas. O homem acabou de mijar e saiu cambaleando até a pia quase derrubando a tiara dourada da cabeça, lavou a mão e saiu enxugando-as na fantasia. Pela fresta da porta, Eduardo ainda pode ver o "Mulher Maravilha" puxando o shortinho, tentado esconder suas nádegas que escapuliam.

Eduardo Lancastre não acreditava no que seus olhos acabavam de presenciar, mas, definitivamente, aquilo funcionava. Não sabia se ele tinha obtido esse poder, se era o local, ou o notebook que estavam fazendo aquela magia acontecer.

Abriu seu aparelho e voltou a digitar com um sorriso vitorioso estampado nos lábios.

"Charles Fischer acordou no quarto de seu humilde apartamento com o som de uma freada brusca e estridente logo abaixo na rua. Tateou a mesinha de cabeceira da cama encontrando seu celular e verificou que eram 3h17 da madrugada, olhou para o chão do quarto levemente iluminado pelas luzes dos postes da rua e viu o rastro de roupas, desde a porta de entrada do quarto até a cama, espalhadas pelo chão formando uma trilha como um mapa do tesouro indicando o caminho para a ilha dos prazeres que era sua cama. No chão se encontravam o vestido vermelho rubi de Christine juntamente com seus sapatos e lingerie vermelhas sensuais. Logo à frente estavam seus tênis, a camisa azul listrada, sua calça jeans e sua cueca box bege.

Eduardo usou a tática de escrever os detalhes de roupas de Charles Fischer comparando com sua vestimenta que usava no momento.

Se virou na cama e pode contemplar a estonteante beleza sensual do corpo nu de Christine que dormia tranquilamente com a respiração regular. Ele se sentia extremamente cansado, um cansaço prazeroso, já que tinha feito amor com Christine quatro vezes, quatro sessões de um sexo selvagem com ela. Se levantou da cama para ver pela janela do seu apartamento, no segundo andar do prédio, o que tinha acontecido com o carro que tinha freado de forma tão brusca, mas antes de chegar até a janela, pode observar as quatro camisinhas com resquícios do seu sêmen após uma noite maravilhosa de prazer com a mulher mais bela que ela já tinha ficado em toda sua vida."

Mais uma vez Eduardo clicou no sim depois da pergunta do aparelho se realmente desejava salvar o documento, de novo sentiu o calor fúnebre passar através dele seguido do cansaço corporal, levou alguns segundos para se recuperar e sair da cabine sanitária.

Ele caminhou com um pouco de dificuldade até a pia. Enquanto lavava suas mãos pode notar em sua imagem refletida no espelho seu

semblante um pouco abatido com uma pequena olheira, parecia ter envelhecido alguns meses desde que entrara naquele Pub, pensou que poderia ser pelas fortes emoções dos acontecimentos esdrúxulos e anormais, ou talvez pela sua recuperação lenta devido ao acidente de carro quase o levando ao óbito. Tentou não pensar naquilo, lavou seu rosto na pia e quando se levantou para se olhar de novo no espelho deu um pulo de lado ao ver, atrás de si, um pouco acima de sua cabeça, dois pequenos pontos vermelhos e luminosos a brilhar nas cavidades oculares de uma aparente caveira medonha com a arcada dentária podre parecendo exibir um sorriso maligno escondida por baixo de um capuz preto e fumacento. Quando pulou perdeu o foco do espelho. Voltou lentamente sua cabeça para frente do espelho temendo ver aquela imagem demoníaca de novo, com muito receio alcançou o ponto do espelho onde estava refletido seu rosto e a caveira por sobre sua cabeça, apenas sua face fatigada aparecia no espelho, mesmo assim podia lembrar com clareza a imagem daquela coisa monstruosa que, mesmo sobre as sombras do capuz, revelava um rosto como se estivesse sido jogado ácido na cara com um lado totalmente derretido sem a pele, e o outro lado ainda à corroer mostrando os músculos e artérias do rosto com a pele à escorrer pendurada no crânio. E o pior era o cheiro que ficou pairando no ar, um cheiro podre de carne queimada que dava ânsia. Eduardo ainda estava arrepiado com o hálito fervente e pútrido baforado em sua nuca. Jogou mais água no rosto tentando se recompor do susto, era apenas sua mente lhe pregando uma peça, estava cansado por causa das intermináveis sessões de fisioterapia que fazia para restabelecer os movimentos normais de sua perna fraturada no acidente de carro. Ele estava confuso pensando ter ouvido um sussurro que aquela criatura medonha tinha falado ao seu ouvido: *"Tem certeza que quer realizar esse desejo, Eduardo?"* Jogou mais água no rosto tentando retirar de sua mente a imagem da criatura horripilante. Focou na imagem de Cristina nua em sua cama. Se tudo desse certo, como estava dando até ali, logo logo teria uma noite de extenuante e prazeroso sexo com aquela mulher maravilhosa.



02 - NAVE ALIENÍGENA

Quando Eduardo olhou as horas no celular, eram exatamente 3h17 da madrugada. Ele acordou com uma freada brusca de um carro na rua. Bocejando, ainda meio sonolento, viu o rastro de roupas espalhadas pelo chão acarpetado de seu humilde apartamento. Sentiu uma pequena pontada de saudade do seu amplo apartamento de dois quartos e suíte com banheira de hidromassagem em Copacabana no qual comprara após ter ganhado muito dinheiro com o estrondoso sucesso de seu segundo livro, infelizmente, tivera que vendê-lo para pagar as despesas dos setes meses internado no hospital particular, e com uma gorda indenização à família das vítimas do acidente de carro que ele provocara, sobrando apenas um pouco de dinheiro para comprar um pequeno apartamento de um quarto no bairro da Lapa. Não que o bairro fosse ruim, pelo contrário, tinha muita vida noturna, muitos bares, boates, restaurantes, Pubs, inclusive estava em um dos Pubs há algumas horas onde toda aquela loucura profética aconteceu.

Ele não precisava se virar na cama para saber que a linda Cristina estava ao seu lado dormindo tranquilamente, pois sentia o aroma de seu perfume inebriante se misturando com o cheiro de sexo a impregnar o recinto, mesmo assim se virou. Ela estava deitada de bruços com os braços embaixo do travesseiro, o rosto moreno virado de lado parcialmente encoberto pelos seus cabelos cacheados. Mesmo com a baça luz dos postes da rua a clarear fracamente seu quarto do apartamento no segundo andar, dava para contemplar o sensual corpo desnudo de Cristina, suas curvas volumosas brilhavam na pouca luz parecendo uma pintura erótica da deusa Afrodite. Seus seios pareciam maiores achatados pelo peso do próprio corpo. Ele ficou um bom tempo admirando aquela mulher maravilhosa pelada em sua cama. Ainda era difícil de acreditar que aquilo tudo estivesse acontecendo.

Eduardo sentou na cama. Cristina virou de costas exibindo sua vagina raspada, ele olhou maliciosamente para a pele erótica partida em dois fazendo sua libido ativar novamente. Beijou suavemente aquela pele quente e macia fazendo Cristina despertar de sua madorna com um leve gemido, ela segurou a cabeça dele espremendo seu rosto de encontro à sua parte íntima. Ele aumentou o ritmo da língua explorando o clitóris alcançando o fundo daquela caverna de prazer. Ela soltou um grito de gozo jogando a cabeça para trás tremendo todo seu corpo num êxtase tão grande que quase machucou o rosto de Eduardo de tanto segurar sua cabeça de encontro a sua vulva. Ela rasgou o invólucro do preservativo com os dentes mesmo, colocou no membro de seu parceiro e o puxou para cima de si, ele deslizou para dentro dela aumentando gradativamente o ritmo das estocadas.

Eduardo teve um pouco de dificuldade para se levantar da cama, suas pernas estavam fracas e com um leve tremor, também pudera, era a quarta vez que tinha feito sexo naquela noite com Cristina. Caminhou até a janela do quarto. Olhava a rua deserta. Um tênue sereno cobria os tetos dos carros formando uma película de água refletindo as luzes amareladas das luzes dos postes. Um homem solitário caminhava trôpego no meio da rua, aparentemente bêbado.

Ele começou a refletir sobre o ocorrido naquela noite, tentava ingerir tudo aquilo, precisava descobrir como e por que estava acontecendo esse enigmático fenômeno profético. Eduardo poderia dizer até que era algo miraculoso, contudo, a incógnita persistia, qual era o motivo daquilo, e por que com ele? Pensava enquanto olhava um cachorro magrelo, encolhido em baixo do banco do ponto de ônibus que tentava, em vão, se refugiar do frio da madrugada. Ele conhecia aquele cão, já tinha dado várias vezes pedaços de lanches pra ele quando comia na lanchonete da

frente. O nome dele era Sorriso, pelo menos era assim que os moradores o chamavam por causa do jeitinho dele exibir os dentes quando recebia carinho. Alguns gostavam do animal, até falavam que iam arrumar um cantinho pra ele em suas casas, mas, infelizmente, ninguém havia concluído seus comentários. Eduardo também tinha vontade de cuidar de Sorriso, mas era proibido animais no prédio onde morava. O fato é que poucas pessoas davam abrigo a um cachorro vira-latas velho e pulguento.

Cristina deu um ronco baixo tirando Eduardo de seu devaneio.

Lhe ocorreu uma ideia botando-a em prática imediatamente.

Caminhou, ainda pelado, com o cabelo castanho claro despenteado, e o corpo levemente curvado, até à mesinha de cabeceira da cama. Pegou o celular, abriu no aplicativo específico para escritores e, após alguns segundos pensando em algo anormal, começou a escrever no seu aparelho de celular sentando-se à beira da cama.

"A madrugada fria e serena colocou em debanda os poucos corajosos que se arriscavam vagar pelas ruas da cidade. Não obstante, apenas um grupo de arruaceiros, com suas garrafas de bebidas em mãos, fazendo baderna e quebrando o silêncio da madrugada úmida, ficaram perambulando pelo bairro. Eles ficaram assustados cessando a bagunça e detendo-se em seus lugares como estátuas em exposição num museu. Uma luz roxa extremamente forte e intensa clareou a mal iluminada rua deixando os baderneiros boquiabertos com o que estavam presenciando, a garrafa de um deles deslizou por entre os dedos nervosos e trêmulos se espatifando no asfalto. Dois deles correram ao verem se aproximar aquela pequena nave alienígena flutuando sobre a rua imunda devido ao baile funk que ocorrera há poucos horas. O OVNI passou em baixa velocidade piscando suas luzes roxas brilhantes a poucos metros dos arruaceiros que estavam paralisados com um grande horror estampados em seus semblantes. A calça de um deles escureceu com a urina do pânico profundo. A nave continuou percorrendo seu caminho sem se importar com a presença dos aterrorizados bagunceiros, e, como num passe de mágica, sumiu, deixando para trás os medrosos baderneiros na rua mal iluminada".

"Agora quero ver acontecer isso!" ele pensou ironicamente.

Eduardo salvou o documento no seu celular. Ficou atento para ver se aparecia a mensagem estranha perguntando se tinha certeza de que queria salvar o documento, nada de diferente aconteceu. Se levantou e foi até à janela observar se aconteceria aquilo que acabara de escrever. Depois de alguns minutos de ansiedade, olhando para a rua deserta, riu

de si mesmo; claro que seria impossível aparecer um disco voador em plena rua do seu bairro.

Não satisfeito, foi até uma pequena cômoda, ao lado de uma poltrona de couro marrom rasgada, porém muito confortável, onde tinha uma luminária sobre a cômoda para pegar um bloco de notas e caneta onde ele costumava anotar suas ideias para o livro. Abriu a gaveta e encontrou o caderninho e a caneta azul. Sentou-se na poltrona. Acendeu a luz da luminária. Ajeitou o foco da luminária para visualizar melhor o bloco de notas e começou a escrever o mesmo texto que tinha escrito há poucos minutos no celular.

Cristina continuava a dormir seu sono tranquilo e profundo.

Mesmo que tivesse acontecido todas aquelas coisas impossíveis no Pub, ainda achava tolice o que estava fazendo, nada daquilo poderia ser de verdade, sabia que mais cedo ou mais tarde acordaria de seu sonho maravilhoso e voltaria ao mundo real, um mundo sem graça e sem uma mulher maravilhosa deitada nua em sua cama, mesmo assim concluiu a escrita do texto no bloco de notas.

Se levantou da poltrona e caminhou até à janela. Ficou alguns minutos olhando para fora; novamente, nada aconteceu, nenhum alienígena com sua nave tecnologicamente avançada passou por sua rua. Certamente ele não tinha obtido nenhum poder mágico que transformava seus escritos fictícios em realidade.

Mas, e se não fosse ele o retentor desse poder sobrenatural, e se fosse o notebook! pensou intrigado. Afinal, ele havia comprado o aparelho no dia anterior, e só escreveu algo nele no Pub, antes disso nada de anormal havia acontecido!

Pegou o notebook branco e gasto pelo tempo excessivo de uso. Sentou de novo na poltrona velha. Abriu o notebook, ligou e começou a digitar novamente o texto da nave alienígena.

Depois de alguns minutos, terminado a escrita, salvou o documento e sentiu a mesma sensação fúnebre e de cansaço, o mesmo extremo calor sepulcral passando através dele fazendo-o ligar o ventilador para que o vento o fizesse suportar aquele calor excessivo e amedrontador e também diminuísse aquele cheiro horrível de carne podre queimada. Supôs que seria o notebook que continha a mágica profética, já que aquela sensação só ocorria quando salvava algum documento no aparelho. Agora era esperar pra ver se aconteceria o impossível, passar uma nave alienígena na sua rua. Foi até à janela. Se apoiou no peitoril da janela e aguardou.

Enquanto olhava pra fora, pode ver o seu reflexo pelo vidro da janela. Notou seu rosto abatido, com expressões de rugas, também pudera, tinha

transado quatro vezes com Cristina, entretanto, também notou, na pouca nitidez do reflexo, um cacho de cabelos levemente grisalhos na sua cabeça, só poderia ser sua visão cansada e sonolenta lhe pregando uma peça, somado com a pouca luminosidade do local, pois sua família não tinha ninguém que ficasse com os cabelos brancos tão jovem assim, era uma questão de genética, ele tinha apenas vinte e nove anos.

Esqueceu-se do detalhe dos cabelos brancos quando uma turma de funkeiros apareceu caminhando pela rua fazendo bastante barulho visivelmente embriagados. O cachorro Sorriso, espantado com a bagunça, saiu correndo com o rabo entre as pernas, procurando abrigo em outro lugar. O pequeno grupo de arruaceiros, após uma pequena série de vandalismo quebrando lixeiras, telhas do ponto de ônibus e retrovisores de alguns carros, pararam repentinamente, estatizados, olhando fixamente para uma forte luz roxa e piscante se aproximando. Eduardo, mesmo um pouco temeroso por causa dos funkeiros, mas a curiosidade sobrepujava o medo dos desordeiros, abriu a janela sentindo uma lufada gelada da brisa da madrugada. Esticou o pescoço tentando enxergar ao longe a provável nave alienígena. Seu coração pulsou mais forte e descompassado, e os pelos de seu corpo se eriçaram. A luz roxa aumentava de intensidade à medida que se aproximava, mesmo tendo se esticado todo quase caindo do segundo andar, não era possível ver claramente o que estava se aproximando. Dois arruaceiros saíram correndo, um deles derrubou sua garrafa de bebida se espatifando ao seus pés, e o que parecia ser o mais jovem do grupo mijou na calça em pânico.

O barulho da nave espacial mais se assemelhava ao de um ronco de motor de caminhão. Quando a suposta nave se aproximou o suficiente, com suas luzes roxas brilhantes, Eduardo soltou uma gargalhada quando percebeu que aquilo não era uma nave espacial, mas sim um carro alegórico sendo transportado para algum galpão de escola de samba. Engoliu sua gargalhada ao notar o motivo dos funkeiros ficarem com medo, em cima do carro alegórico em forma de OVNI, estavam uma meia dúzia de homens com fuzis em punho. Eduardo teve que se abaixar escondendo-se por trás da parede quando um dos homens armados ouviu sua gargalhada. Esperou alguns segundos com a respiração presa em seus pulmões. Ouviu alguém dando uma ordem que parecia vir da cabine do caminhão que transportava a nave alienígena: - Eu já mandei desligar a porra das luzes dessa nave, caralho. Vocês querem chamar a atenção da porra da milícia, querem começar uma guerra com o cacete da polícia? - A ordem foi obedecida. O quarto arroxado de Eduardo voltou a ser branco novamente. Ele levantou a cabeça devagar, olhou sorratamente